

# “Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo”? Uma (auto)análise sobre a relação entre pesquisador e objeto em contextos de múltiplas pertencças ao campo

Wellington da Silva Conceição<sup>1</sup>

Doutor em Ciências Sociais – UERJ

Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

## Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre os desafios que a pesquisa etnográfica coloca àqueles que têm relações de múltiplas pertencças com o campo. A partir de uma análise da própria trajetória de pesquisa, e em diálogo com outros autores das Ciências Sociais, o autor reflete sobre o processo, as vantagens e os desafios que se apresentam àqueles que optam por tomar seus grupos sociais originários como objeto da pesquisa etnográfica. O texto retoma uma discussão – bastante presente nas Ciências Sociais – sobre a subjetividade do pesquisador e suas possíveis influencias em sua investigação.

**Palavras-chaves:** pesquisa etnográfica; subjetividade; familiar e exótico.

## Abstract

This article presents a reflection on the challenges that the ethnographic research presents to those who have a relationship of multiple connection with the field. Departing from an analysis of the trajectory of research and in a dialogue with other authors of the Social Sciences, the writer reflects on the the process, the advantages and the challenges which are presented to those who choose to take their original social groups as the object for the ethnographic research. The text resumes the discussion – very much present in the Social Sciencies – on the subjectivity of the researcher and his possible influences in his investigation.

**Keywords:** ethnographic research; subjectivity; familiar and exotic.

---

1 Sociólogo, professor na Universidade Federal do Tocantis (UFT), doutor em Ciências Sociais (PPCIS-UERJ), pesquisador do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro – UFRJ) e do Coletivo de Estudos sobre Violência e Sociabilidade (CEVIS-UERJ). E-mail: wellingtoncs@uft.edu.br.

## Introdução

A subjetividade do cientista e sua relação com o objeto de sua pesquisa é uma questão sempre presente nas discussões sobre metodologias nas ciências sociais, de forma especial entre aqueles que se utilizam (ou analisam o uso) da etnografia e da observação participante. A preterida distância entre pesquisador e objeto, moldada na antropologia (ciência que usa a etnografia como método desde os seus primeiros momentos) a partir de perspectivas positivistas, passou por uma crise quando precisou incluir em seus campos de pesquisa algo para além dos universos longínquos – que por si só pareciam marcar a distância epistemológica necessária.

Fazer trabalho de campo dentro de seu próprio país, ou até mesmo na própria cidade, obrigava o pesquisador a repensar a utilização dos critérios que marcavam essa distância, como as dualidades “primitivo-desenvolvido” e “selvagem-civilizado”. Passou-se a questionar também até que ponto não existe relação/envolvimento entre pesquisador e investigação, principalmente quando a pesquisa envolve uma construção de relações, como acontece no trabalho de campo que contempla a etnografia e a observação participante. Mas ainda assim, há quem defenda, numa perspectiva cientificista, que essa relação pesquisador-objeto deve preservar a distância, e nessa perspectiva, pesquisadores não deveriam buscar seus grupos sociais para desenvolver sua investigação.

Há quase nove anos me dedico a pesquisas sócio-antropológicas, e a etnografia e a observação participante sempre foram os principais métodos utilizados. Por mais de oito anos tomei o bairro onde morei boa parte da minha vida – e onde vivi grande parte das minhas experiências de sociabilidade – como objeto de pesquisa. Ao buscar novos rumos de pesquisa, passei a (re)avaliar minhas práticas até então, construindo uma espécie de memorial da minha trajetória enquanto etnógrafo. O texto em questão é um diálogo construído a partir dessas reflexões: seu objetivo é apresentar uma releitura dos principais dilemas da minha trajetória de pesquisador, marcada pela descoberta dos métodos e por uma reflexão em torno da minha dupla inserção no campo como pesquisador e nativo. Procurei fazer essa releitura tendo como base textos de cientistas sociais que se preocuparam em discorrer sobre suas etnografias, muitas delas também marcadas por essa dupla inserção.

Antes de dar prosseguimento, no entanto, gostaria de deixar claro o uso que faço da categoria “nativo” neste texto, de grande importância na construção dos argumentos que desenvolvo. Tal termo passou a ser utilizado na antropologia, inicialmente, para facilitar a diferenciação e classificação entre pesquisadores e pesquisados, por meio do apelo à origem naquele grupo ou espaço (a natividade) onde se desenvolvia a pesquisa. À medida que a antropologia amplia seu campo de pesquisa para além daquelas sociedades definidas como “tradicionais”, todos se tornaram (de certa forma) nativos de algum grupo social. Nesse contexto, gradativamente, surgem vários pesquisadores de dentro de grupos que outrora só recebiam “estrangeiros” como etnógrafos, e muitos deles escolhem a sociedade à qual pertencem como objeto de sua pesquisa.

Nativo-etnógrafo não é uma categoria analítica já balizada, mas uma expressão que disse e ouvi tantas vezes pra tentar definir o lugar quase liminar que ocupa o pesquisador etnógrafo que toma como campo de trabalho o seu grupo social. Diferente dos pesquisadores que vêm de fora, esse tem relações com o seu objeto e campo que transcendem o interesse científico: há um sentimento de pertença que resulta dos afetos e demais formas

de sociabilidades desenvolvidas e do conhecimento quase intuitivo das práticas e rotinas. Há diversas formas de ser nativo (e de, por consequência, ser um nativo etnógrafo), assim como são diversos os grupos sociais que existem: esses vínculos podem estar relacionados a um movimento social ou cultural do qual se faz parte, a um grupo étnico, a uma comunidade de orientação sexual, a um tipo de pertença baseada na posição espacial (vila, bairro, favela, cidade), entre outros. No caso aqui apresentando, falo da minha experiência a partir um conjunto habitacional, um campo onde estabeleci múltiplas pertenças: mesmo estando ali como pesquisador, minha subjetividade estava marcada pelas minhas experiências anteriores com o grupo e o espaço, como morador (desde os primeiros anos de minha vida) e professor.

### **Tornando o familiar em exótico**

Em 2004, ao iniciar a Graduação em Ciências Sociais, tive a oportunidade de perceber que dentre as ricas áreas de reflexões dessas ciências, eram os estudos do meio urbano, principalmente aqueles construídos por antropólogos e sociólogos a partir de etnografias, que mais despertavam a minha curiosidade e que faziam crescer em mim o gosto pela vida acadêmica. Querendo inserir-me nesse campo de estudo, percebi que faltava escolher, portanto, dentro do vasto panorama do universo urbano, um objeto que tivesse relevância acadêmica e que estivesse ao meu alcance para poder empreender um estudo sistemático a partir do trabalho de campo. A ideia sempre presente era de escolher um objeto que, mesmo sendo do universo urbano, fosse distante do meu mundo de relações e representações sociais. Inicialmente – até por morar no Rio de Janeiro – pensava em escolher uma favela e nela desenvolver pesquisa empírica.

Porém, em conversas com professores,<sup>2</sup> comecei a perceber que, do ponto de vista da pesquisa em sociologia e antropologia urbana, minhas experiências pessoais de pertença à cidade apresentavam elementos significativos. O bairro em que morava e onde minha família materna vive desde a sua fundação, conhecido como Cidade Alta,<sup>3</sup> seja por sua formação

2 Foram os professores Dra. Neiva Vieira da Cunha (UERJ) e o Dr. Felipe Berocan (UFF), que (no período citado) eram professores do Instituto de Humanidades da Universidade Candido Mendes e pesquisadores do LeMetro (IFCS-UFRJ). O interesse de ambos pelo meu objeto de estudo resultou em um projeto de iniciação científica nessa mesma Universidade, cujo tema era: "Cidade Alta e Cruzada São Sebastião: Políticas Públicas e morfologia sócio-espacial na cidade do Rio de Janeiro", que iniciou-se em julho de 2006 e existiu até julho de 2008.

3 A Cidade Alta é um sub-bairro do bairro de Cordovil, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, próximo a fronteira da cidade com a região conhecida como Baixada Fluminense. Sua população é de aproximadamente 40 mil moradores e sua origem remete ao ano de 1969, com a construção do seu primeiro e principal conjunto habitacional: o conjunto Cidade Alta. Logo em seguida foram construídos, no mesmo local, outros dois conjuntos habitacionais e com o passar dos anos, foram surgindo no entorno desses conjuntos habitacionais três pequenas favelas. O conjunto habitacional Cidade Alta foi resultado das políticas públicas de remoção de favelas implementadas nas décadas de 1960 e 1970 na cidade do Rio de Janeiro. Tais políticas tinham por objetivo a extinção da favela enquanto espaço habitacional e ambiente de mobilização social e teve como consequência a transferência de um número significativo de moradores de favelas da zona sul da cidade para conjuntos habitacionais construídos em regiões periféricas, tais como a Cidade Alta. Seus primeiros habitantes foram, em sua grande maioria, ex-moradores removidos da extinta Favela da Praia do Pinto, no bairro do Leblon, erradicada após sucessivos incêndios. Segundo Nascimento (2003), a Cidade Alta se caracteriza por ser um complexo habitacional

histórica e seja pelo seu *ethos* revelado nas formas de sociabilidade que se dão internamente e com as outras áreas da cidade, constituía-se em um rico objeto de pesquisa para as ciências sociais. Mas entender e tomar o local onde moro como possível objeto de estudo não foi um processo aceito de imediato. A minha percepção inicial de ciência me fazia crer que para empreender uma pesquisa era essencial ter uma “neutralidade” em relação ao objeto pesquisado, e essa “neutralidade” era entendida como distância, imparcialidade e impessoalidade. Sendo assim, era muito difícil imaginar como construir essa “neutralidade” sobre um lugar (e seus habitantes) onde tudo me parecia tão naturalizado. Como estranhar os fatos e comportamentos, identificar ritos e mitos, perceber estruturas, construir análises e interpretações sobre coisas, lugares e pessoas que faziam parte do meu dia a dia?

Foi nesse momento que tive acesso a dois textos clássicos da antropologia brasileira, que tratavam das questões com as quais me defrontava. Ambos foram publicados em um mesmo livro, no final da década de 1970 (*A aventura sociológica*, organizado por Edson de Oliveira Nunes): *O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”*, de Roberto DaMatta, e *Observando o familiar*, de Gilberto Velho. Com os dois artigos aprendi lições valiosíssimas para a prática etnográfica, e percebi que o caminho que pretendia fazer (de estudar o que me é familiar) era apresentado por esses autores como uma prática possível e necessária para a produção acadêmica na antropologia.

DaMatta dedica o seu texto para discutir aquilo que ele chama de “aspectos interpretativos do ofício do etnólogo”, ou seja, os aspectos extraordinários sempre prontos a emergirem em todo o relacionamento humano (como saudade, raiva, tédio etc), e que geralmente não são discutidos ou ensinados nas aulas de metodologia de pesquisa. Nessa reflexão, o autor apresenta dois caminhos possíveis para a pesquisa de um etnógrafo: ou ele faz o exótico tornar-se familiar – o que é a prática já tradicional da disciplina, baseada no esforço de conhecer e traduzir um universo desconhecido para outro – ou faz o familiar tornar-se exótico – que corresponde ao momento presente da disciplina e é o esforço do pesquisador em voltar-se para a sua própria sociedade e encontrar nela o seu objeto. Ao tentar mostra semelhanças e diferenças nesses processos, comparou o primeiro à viagem do herói (que sai do seu grupo social, empreende uma missão e volta “triunfalmente”) e o segundo à viagem do Xamã, que, segundo o autor,

é um movimento drástico onde, paradoxalmente, não se sai do lugar. E, de fato, as viagens xamanísticas são viagens verticais (para dentro ou para cima) muito mais do que horizontais, como acontece na viagem clássica dos heróis homéricos. E não é por outra razão que todos aqueles que realizam tais viagens para dentro e para cima são xamãs, curadores, profetas, santos e loucos; ou seja, os que de algum modo se dispuseram a chegar no fundo do poço de sua própria cultura. Como consequência, a segunda transformação conduz igualmente a um encontro com o outro e ao estranhamento (DaMatta 1978: 29).

O pesquisador-xamã é aquele que realiza uma viagem sem sair do lugar, mergulhando na sua cultura de tal forma que possa desenvolver um outro olhar sobre as experiências

---

que traz em si as características de uma favela (principalmente o conjunto Cidade Alta), quer seja no modo de ser de seus habitantes, quer seja no modo de adquirir e de transformar o espaço. A percepção da Cidade Alta como uma favela é compartilhada pelo Estado, pelos outros moradores da cidade e pelos seus próprios moradores. Desde 2004 realizo trabalho de campo sistemático nesta localidade.

de sociabilidade que ali se dão. Para o herói, a viagem se dá principalmente por meio de um processo intelectual, por meio de apreensões cognitivas. Já para o xamã, essa viagem se dá no campo das emoções, pois exige um “desligamento emocional”. Porém, apesar das diferenças, ambos são marcados por conflitos dramáticos, que o autor chama de *Anthropological Blues*.

Gilberto Velho (no texto citado) toma como tema de sua reflexão a prática de tornar o familiar em exótico na pesquisa antropológica. O autor inicia sua argumentação apontando que uma parte considerável da comunidade acadêmica partilha a ideia de que existe um envolvimento inevitável entre pesquisador e objeto de estudo, e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição. Depois, rediscute o conceito de distância epistemológica, geralmente apontado como necessário para a validade da pesquisa: no universo urbano, por exemplo, por mais que uma realidade a princípio nos seja familiar, muitas vezes não é conhecida a fundo. As diferentes classes sociais, tribos urbanas e demais formas de agrupamento nas grandes cidades podem possuir visões de mundo e pontos de vista diferentes, permitindo ao pesquisador, que pertence ao mesmo universo urbano, colocar-se no lugar do outro e fazer o exercício da relativização. Gilberto exemplifica suas afirmações apontando sua pesquisa sobre um edifício de Copacabana, e por mais que esse grupo de classe média lhe fosse familiar, suas percepções eram marcadas por uma série de prenoções que só a pesquisa de campo sistemática permitiu superá-las, assim como desenvolver outras percepções.

Mas, no meu caso, a sociedade próxima era bem mais próxima do que os exemplos trazidos por Gilberto Velho. Não olhava um grupo diferente, uma outra classe social ou até mesmo um bairro vizinho: estava me propondo a observar meu bairro, e nele encontrava entre os moradores que fizeram a história do lugar os meus avós, tios, tias, mãe, amigos e vizinhos. O que me era familiar, também me era conhecido, o que tornava o desafio bem mais instigante. Os relatos sobre a vida na favela da Praia do Pinto e a remoção, por exemplo, objeto de desejo de qualquer etnógrafo que tomasse o local como objeto de estudo, eram as histórias que me foram contadas repetidas vezes na infância quando a família toda se encontrava. Percebi que a viagem xamânica, conforme apresentou DaMatta, era a melhor metáfora do caminho que pretendia adotar.

Mas, no meu caso, esse “viajar para dentro” tinha um sentido bem literal. Pensava: mas como desligar-me emocionalmente em um contexto onde a emoção impera, onde os laços afetivos estão fortemente presentes? Algo que me motivou a seguir em frente nesse projeto foi a descoberta da existência de vários pesquisadores como eu: nativos que assumiam a condição de pesquisador em seu próprio grupo social, voltando seu olhar não só para que o lhe é familiar, mas também para o que lhe é conhecido. E muitos desses trabalhos eram reconhecidos como válidos e relevantes. Inclusive, o único trabalho até aquele período que tomava a Cidade Alta como objeto de pesquisa era a dissertação da socióloga Denise Nascimento (2003), também nativa do local.

## **Pesquisadores nativos ou nativos pesquisadores?**

Creio ser oportuno dialogar com alguns trabalhos que se destacaram por essa dupla inserção do etnógrafo no campo. Para isso, apresento a experiência de três pesquisadores franceses, ressaltando os dilemas, as vantagens e os desafios que essa reinserção no

campo (agora na condição de pesquisador) trouxeram para o processo de investigação. O primeiro caso que trago é o de Florence Weber (2009), que depois de muitos anos volta à pequena cidade operária onde passou sua infância para desenvolver uma pesquisa sobre “travail à cotê” (trabalho paralelo), praticado pelos operários moradores dessa cidade fora do ambiente formal de trabalho, de caráter lúdico e não oficial. Weber já se sentia distante o suficiente dessa sociedade, pelos anos que passou fora, para não sentir-se uma nativa entre eles. Mas ao contrário do que pensava, sua origem local sempre foi ressaltada pelos seus informantes, que de uma forma ou outra encontravam na sua infância ou nas suas referências familiares formas de vínculo que impediam sua total “estrangeirização”:

No entanto, o princípio de alteridade não é a única solução possível: da minha parte, fui levada a adotar um princípio totalmente distinto – inicialmente, involuntariamente. Eu estava decidida a observar os nativos como uma estrangeira; eles, no entanto, não estavam dispostos a me considerar como tal. Vivendo no campo de março de 1983 a julho de 1984, em um local que eu havia frequentado intermitentemente desde minha mudança para Paris, em 1967, não pude sustentar por muito tempo minha ilusão de exterioridade (Weber 2009: 31).

Weber passou a ser percebida como “a emigrada que retorna” (Weber 2009: 37). Percebeu que essa condição lhe oferecia vantagens, mas também causava desconfortos. Entre as vantagens destacou que, para entender os processos de representação e usos de categorias como prestígio e vergonha, sua experiência de pesquisadora convertida em nativa permitiu-lhe vivenciar tais processos e ao mesmo tempo participar da construção de algumas reputações. Isto lhe conferiu “posição privilegiada para observar os acontecimentos e as interações nas quais se desenham as imagens positivas ou negativas dos indivíduos e das famílias” (Weber 2009: 35). Porém, o desconforto era que sua condição nativa, aliada a posição social de sua família e tudo que conquistou nos anos em que morou fora dali, tornavam incoerente sua presença no local, o que ajudava a criar uma certa desconfiança diante da sua presença:

Minha presença contínua já não surpreende, ninguém me chama mais para dizer: “Nossa, você está aqui”. E, no entanto, “não conseguem compreender”. Aceitam que eu tenha encontrado um trabalho na capital regional, faz parte da ordem natural das coisas: pessoas como eu, estas têm sorte, trabalham onde querem. Mas que eu suporte Montbard, que eu permaneça ali, ainda que não haja nada, que nunca aconteça nada... Imobilidade e vazio mal vividos, sobretudo pelos jovens. Assim que podem, deixam a cidade. Então, o que diabos venho fazer aqui? (Weber 2009: 41).

Outro pesquisador que se aventurou a pesquisar um universo por demais familiar foi Marwan Mohammed (2011), que desenvolveu sua pesquisa de doutorado sobre formação de gangues. O seu interesse pelo tema é antigo e tem origens na sua adolescência, quando ele mesmo, por vezes, confrontou-se com as ações desses grupos. Explicitou que a forma de violência encontrada nessas gangues sempre o intrigou, e para esse pesquisador, as ciências sociais sempre o ajudaram a entender melhor as situações experimentadas. Sua curiosidade sobre o assunto e seu acesso facilitado ao campo (por suas experiências de pertença e inserção) contribuíram para a escolha desse fenômeno como seu objeto de estudo.

Mohammed teve outras inserções nesse espaço, para além do adolescente e do morador: dirigiu um trabalho social nessa área, o que foi importante para definir seu status local, bem como determinar o conteúdo de suas relações com o grupo pesquisado.<sup>4</sup> Sua trajetória no bairro foi caracterizada pela multiplicidade de papéis desempenhados (morador da área, animador do centro social e pesquisador). Algumas pessoas já eram conhecidas desde a infância, já com outros a relação teve de ser construída. Mesmo assim, ele ressaltou a pluralidade de seu status/papel entre os pesquisados, em sua presença agiam de acordo com a imagem que faziam dele, antecipando um caráter de troca.

No seu texto, o autor aponta que nem sempre essa proximidade, muitas vezes desejada por pesquisadores de “fora”, foi facilitadora do processo de pesquisa. Relata que, na sua experiência, ao invés de superar obstáculos postos por uma distância social, teve que lidar com as restrições impostas pela proximidade:

Ces réflexions se rejoignent sur les multiples effets de l'extériorité sociale, spatiale et, même si c'est moins développé, ethnoraciale que doit gérer l'enquêteur. La distance du chercheur provoque un sentiment d'intrusion qu'il doit appréhender, neutraliser et dépasser. La nature des échanges qui ont rythmé mon travail d'enquête relève d'une autre logique. Je n'ai pas dû affronter les obstacles liés à la distance sociale et spatiale, mais, à l'inverse, j'ai dû composer avec des contraintes inscrites dans la proximité "villageoise" et communautaire. Des pièges nombreux et rarement pris en compte par ceux, chercheurs ou non, qui font de leur autochtonie une stratégie d'enquête ou un argument d'autorité. Lors de mon enquête, les "mines" à désamorcer ne furent pas liées à la distance de classe ou aux rapports de domination. Le statut "d'élite" locale, vague et peut utilisé, ne fut pas un obstacle en tant que tel. Ce n'est pas le statut "d'élite" qui est sanctionné, bien au contraire, mais un certain "élitisme" condescendant, pris dans une distinction ostensible souvent accompagnée d'un individualisme remarqué (Mohammed 2011: 424-425).

Ao contrário do que se pensa normalmente, as diferenciações dentro de um grupo são mais complexas do que se imagina, e as distinções existentes por vezes podem marcar simpatias e antipatias com a qual o pesquisador nativo precisará lidar. O pesquisador oriundo de classes populares pode estar sujeito, assim como os que pertencem as outras classes sociais, às ilusões de perspectivas, e muitas dessas ilusões resultam dessa própria proximidade.

4 O próprio pesquisador especifica esses vínculos formados com o bairro e o grupo estudado: “Le ‘terrain’ d’enquête m’est donc très familier. Je m’y suis installé à la fin des années 1980 avec mes cinq frères et sœurs, j’étais adolescent en échec scolaire et j’ai immédiatement pris place dans la rue. Une rue que je n’ai presque jamais quittée: à la majorité, j’ai commencé à encadrer les enfants dans les centres de loisirs, les écoles, puis la maison de quartier, au collège et enfin dans la cadre d’une association que j’ai créée il y a dix ans et que je préside toujours. Ainsi, avant de mettre le costume de chercheur, j’ai été un ‘petit’ puis un ‘grand du quartier’, animateur de centre de Loisirs (maternel et primaire), éducateur à la maison de quartier, surveillant d’externat dans le collège fréquenté par les adolescents de la cité, entraîneur dans le club local de futsal, responsable associatif, à quoi s’ajoutent des engagements militants ponctuels (contre le racisme ou les violences policières) qui ont eu des effets non négligeables. Ma présence dans les différentes structures d’accueil des enfants et des jeunes m’a conduit à fréquenter certains enquêtes alors qu’ils n’étaient qu’à l’école maternelle ou primaire et qu’à ce titre, j’ai été en relation avec les frères, amis, parentes de la plupart d’entre eux” (Mohammed 2009: 427).

Por último, trago a também fascinante experiência de Malika Gouirir (1998). Seu artigo aqui contemplado tem como principal objetivo analisar as percepções dos “nativos” de um grupo estudado em relação a uma pesquisadora natural do próprio grupo. Como ela seria percebida? Como mais uma nativa ou como uma pesquisadora? Seria recebida como uma visita ou como alguém de casa? Quais as vantagens e desafios que sua condição implica? Trata-se de uma discussão metodológica que parte das experiências de campo da autora.

Seu estudo de campo foi sobre um Douar, um agrupamento de famílias marroquinas de operários não qualificados que vieram trabalhar na França na década de 50, e que já eram funcionários da mesma empresa no Marrocos. A autora nasceu membro desse grupo. Sua pesquisa acontece em um momento marcado pela iminente destruição da vila onde ficava o Douar. Ainda no período da sua pesquisa era possível ter contato com alguns de seus parentes distantes e colegas de infância. Uma das questões abordadas pela pesquisadora gira em torno da viabilidade da sua investigação, levando em consideração a sua origem e o grupo estudado. Gouirir entende que a própria pesquisa já pode ser vista como uma forma de distanciação progressiva do universo familiar, que a coloca em uma condição exterior. Destaca que, até mesmo por ser “nativa” do local, intensificou o empreendimento de técnicas de pesquisa que pudessem garantir a seriedade e a validade do seu estudo: procurou ter uma estadia longa pelo trabalho de campo, até mesmo para poder reingressar no sistema de relações familiares e suas categorizações.<sup>5</sup>

Detectou que sua condição nativa oferecia vantagens e desvantagens como pesquisadora. Entre as vantagens, o fato de ser “de dentro” permitiu suavizar o medo que os moradores do Douar tinham dos de fora – como os jornalistas – que poderiam se aproveitar de suas informações de forma escusa. Quando lidavam com isso, tinham um cuidado em controlar as informações dadas, divulgando somente o que lhes interessava. No caso dela, não era sempre percebida como alguém de fora, mas como um membro retornando à sua comunidade. Sendo um membro do Douar pode ter acesso à relação das famílias mais facilmente, já que de certa forma todos se entendiam uma grande família e ela acabava por participar dessas relações, fazendo com que o processo pudesse ser facilmente identificado. Pode aproveitar a condição de nativa para se aproximar das pessoas, fazendo perguntas triviais de vizinhos. O fato de se comunicar em árabe, e não em francês, também aproximava informantes e pesquisadora – o grupo pesquisado entendia isso como “un signe de bonne volonté” (Gouirir 1998: 120) por parte da antropóloga.

5 A própria autora explica a sua preocupação no seguinte texto: Comment échapper à la fois à l'idéologie de l'entre-soi solidaire, vision officielle produite par le groupe, et à la méfiance suscitée par toute intrusion extérieure? On a fait le choix de la présence longue et discrète. C'est le recours à l'écriture qui a permis d'explicitier, objectiver les connaissances antérieures ou “spontanées”, en notant des impressions, classant des listes, réalisant tableaux et généalogies. Le fait d'avoir donné au début de la recherche un nom et prénom fictifs à chacune des personnes du douar a permis de mettre à distance les représentations préconstituées que j'avais de chacune d'elles, pour ne conserver que les caractéristiques sociologiquement pertinentes. Les observations suivies et répétées dans cet univers familial ont été complétées par des discussions et des entretiens avec les informatrices, la tenue régulière d'un carnet de bord, les entretiens avec des personnes du quartier, leurs proches et les personnes les connaissant, un travail sur archives (journaux locaux, écoles). On a pu comparer ensuite les “énoncés volontaires”, produits dans une interaction où j'étais la protagoniste tantôt présente, tantôt absente (qu'elle se déroule sans moi ou après mon départ) et les “énoncés induits” – réponses fournies à une question explicite devant magnétophone (Gouirir 1998: 115).

Porém, sua condição nativa também implicava desafios. Primeiramente por que tinha um papel bem definido naquela sociedade: Pertencente a uma família X, mulher, professora, casada com um estrangeiro (o que não era muito aceito nesse grupo, onde as mulheres eram definidas pelos seus pais ou maridos). Por ser mulher, tinha dificuldade de falar com os homens, por ser professora, tinha menos acesso ainda aos homens jovens desempregados, e por ser casada com um estrangeiro era advertida por várias mulheres por causa da sua opção. Mas esse último elemento se convertia em vantagem, já que lhe permitia “sentir na pele” as relações hierárquicas de gênero estabelecidas nesse grupo.

Outro desafio encontrado por essa pesquisadora foi ter que ser imparcial em situações como brigas e discussões, e muitas vezes era cobrada por isso, já que era alguém daquele grupo familiar. Também percebia como conflituosa as experiências com as entrevistas, até mesmo porque essa técnica, segundo a autora, marcava o seu status como diferenciado.

Assim como os autores que apresentei, também percebi em minha experiência de pesquisador nativo que, mesmo sendo alguém daquele grupo, vivia um distanciamento. As experiências de socialização e sociabilidade vividas na academia fizeram de mim uma outra pessoa – novos gostos culturais, novas ambições, novos hábitos, uma nova forma de ver o mundo e de entender os acontecimentos. Jailson Souza e Silva (2006) identificou o mesmo tipo de transformação pela qual passei nos universitários da Maré com quem realizou uma pesquisa na década de 90. Percebi que aprendi a estranhar muitas das coisas que até então me pareciam familiares e conhecidas. A “curiosidade sociológica” (Mills 1965), adquirida intuitiva e intelectualmente no âmbito da universidade, também colaborava na construção desse novo olhar. Mesmo me sentindo pertencente ao meu grupo de origem acabei por assumir nele uma condição liminar, pois não deixei de ser um deles, mas também não era mais como todos. A partir daí, compreendi que se construía um tipo de “distância” entre eu e meu objeto, e mesmo que marcada pela proximidade física e social, sua essência estava no desenvolvimento dessa capacidade de estranhar o familiar e de torná-lo exótico por intermédio da curiosidade sociológica.

Também como Weber, Gouirir e Mohammed fui percebendo que ser um pesquisador de dentro oferecia suas vantagens e dificuldades, talvez diferentes daquelas enfrentadas pelos pesquisadores outsiders,<sup>6</sup> mas não menos complexas. As vantagens estavam ligadas a facilidade em empreender uma investigação, pelo menos na fase inicial: Contatar pessoas, saber o que pode ou não ser perguntando em uma entrevista, “andar”<sup>7</sup> pelo lugares sem

6 Ao discorrer sobre o quanto o antropólogo pode ser afetado em uma pesquisa, Favret-Saada apresenta alguns dos desafios que se apresentam ao pesquisador outsider: “Eu mesma não sabia bem se ainda era etnógrafa. Certamente, nunca acreditei ser uma proposição verdadeira que um feiticeiro pudesse me prejudicar fazendo feitiços ou pronunciando encantamentos, mas duvido que os próprios camponeses tenham algum dia acreditado nisso dessa maneira. Na verdade, eles exigiam de mim que eu experimentasse pessoalmente por minha própria conta – não por aquela da ciência – os efeitos reais dessa rede particular de comunicação humana em que consiste a feitiçaria. Dito de outra forma: eles queriam que aceitasse entrar nisso como parceira e que aí investisse os problemas de minha existência de então. No começo, não parei de oscilar entre esses dois obstáculos: se eu ‘participasse’, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse ‘observar’, quer dizer, manter-me a distância, não acharia nada para ‘observar’. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado” (Favret-Saada 2005: 157).

7 Utilizo tal expressão conforme apresentada por Jolé (2005) que define tal ato para além do simples movimento biológico, mas como um deslocamento também no campo simbólico. Para os cientistas so-

maiores problemas – tudo isso acontecia de forma mais simples e mais rápida do que com qualquer outro colega etnógrafo que se aventurava em pesquisar o “exótico”. Também conhecia os valores e as regras do local, o que me possibilitava evitar gafes ou desconfortos.<sup>8</sup> Recebia informações privilegiadas em conversas informais, por vezes em um bate papo no portão do prédio, quando não estava “oficialmente” dedicado à pesquisa.

Essa presença intensa no campo, por conta da minha pertença ao local como morador, me permitia estar atento a todos os acontecimentos em tempo real, possibilitando a observação direta de suas consequências, assim como das reações. E talvez aí esteja a principal das desvantagens: onde e como desligar o “pesquisador”? Como estar em uma festa de família e celebrar descompromissadamente com os meus familiares se esse momento pode ser uma rica experiência a ser observada? Essa “obrigação” de estar atento a tudo parecia um pouco sufocante, principalmente quando o tudo está tão próximo de você a todo o tempo.

Outra desvantagem que identifiquei, pelo menos no início, foi a dificuldade de atentar a pequenos detalhes que sempre foram insignificantes para o morador mas que poderiam ser proveitosos para o pesquisador. Como exemplo, relato uma experiência que tive ao receber a visita no campo do meu orientador de iniciação científica, o professor Dr. Felipe Berocan, que ao observar a disposição dos edifícios do conjunto Bancários (um dos três conjuntos habitacionais da Cidade Alta, no qual eu morei por muitos anos) percebeu algo que sempre fugia a minha percepção: o nome dado aos edifícios obedecia uma ordem, onde um recebia o nome de um estado brasileiro e o outro logo ao lado recebia o nome de sua capital. Como morador do edifício Maranhão, nunca prestei atenção que o edifício do lado, chamado São Luiz, era uma referência à capital do estado homenageado em meu prédio.

## Conclusão

Como havia dito anteriormente, não inaugurei um campo nas Ciências Sociais, pois diversos etnógrafos, assim como eu, assumiram a condição de pesquisador em seu próprio grupo social, voltando seu olhar para que o lhes é familiar e conhecido. Todos reconhecem vantagens e limitações por conta dessa condição. Os pesquisadores que vêm de fora geralmente experimentam outras dificuldades, não menos complexas e nem mais importantes. Sobre todos pesa a mesma responsabilidade, como apontou Geertz: “Os etnógrafos precisam convencer-nos [...] não apenas que eles ‘estiveram lá’, mas ainda (como também fazem, se bem que de modo menos óbvio) de que, se houvéssemos estado lá, teríamos visto

---

ciais, segundo esta autora, o andar funda o olhar: “é no movimento que nossa percepção do espaço se organiza e que o fosso entre sujeito e objeto é em parte esquecido...” (Jolé 2005: 428).

8 O desconhecimento do campo pode levar o pesquisador a cometer gafes que, apesar de se tornarem desafios embaraçosos no momento da pesquisa, depois se tornam anedotas partilhadas entre colegas de profissão. Ao discorrer sobre sua etnografia, Foote Whyte (2005) narra várias dessas gafe que cometeu ao longo do seu trabalho de campo. Reproduzo uma delas para exemplificar: “Quando comecei a encontrar os homens de Cornerville, também entrei em contato com algumas garotas. Levei uma delas para uma dança na Igreja. Na manhã seguinte, os camaradas na esquina me perguntaram: ‘Como vai a sua namorada?’ Isso me deu uma sacudida. Aprendi que ir à casa da garota era algo que você simplesmente não fazia, a menos que esperasse se casar com ela. Felizmente a garota e sua família sabiam que eu não conhecia os costumes locais, e não presumiram que eu estivesse me comprometendo. No entanto, o aviso foi útil. Embora achasse algumas garotas de Cornerville extremamente atraentes, nunca mais saí com uma delas, exceto em grupo, e nunca mais as visitei em casa” (Foote Whyte 2005: 300).

o que viram, sentindo o que sentiram e concluído o que concluíram (Geertz 2005: 29). O que importa é que, reconhecendo sua condição na pesquisa e construindo suas interações a partir desse lugar, o pesquisador dedique-se seriamente a observar o grupo estudado e construir suas análises. Disso, independente da sua origem ou sentimento de pertença, o pesquisador não poderá se esquivar.

Recentemente experimentei uma outra realidade de pesquisa: pela primeira vez resolvi empreender uma experiência etnográfica junto a um grupo com o qual não tinha relações firmadas. Trata-se de um grupo de moradores de um conjunto habitacional no bairro de Palmas,<sup>9</sup> no Rio de Janeiro (construído pelo programa “Minha casa, minha vida”, do governo federal), que antes de residirem lá viveram em favelas e tiveram suas casas derrubadas ou interditadas por conta das fortes chuvas ou para dar espaço a uma das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).<sup>10</sup> Nesse novo campo enfrentei outros desafios, próprios de um pesquisador outsider, como construir relações de confiança, fazer-me aceito, justificar minha presença, entre outras coisas. Mas, ao mesmo tempo, a minha condição de “nativo” não desapareceu: saber o lugar do qual eu vinha como morador da cidade facilitou as interações, pois passei a ser percebido como alguém próximo, por ter morado em um bairro pobre, por ter morado em apartamento de conjunto habitacional, por meus parentes terem vivido em uma favela. Passei a ser conhecido – em um primeiro momento – como “o rapaz da Cidade Alta”, por mais que sempre ressaltasse minha condição de pesquisador. Isso me faz crer que essa dualidade “pesquisador estrangeiro” e “pesquisador nativo” pode ser bem mais complexa do que esperamos ou imaginamos. Vale se debruçar sobre essas relações com o mesmo ímpeto e seriedade dedicados às nossas pesquisas.

## Referências

- CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. 2016. *Minha casa, suas regras, meus projetos: Gestão, disciplina e resistências nos condomínios populares do PAC e MCMV no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- DAMATTA, Roberto. 1978. “O ofício de etnólogo, ou como ter ‘Antropological Blues’”. In: E. de O. Nunes (org.), *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. “Ser afetado”. *Cadernos de campo*, 13:155-161.
- FOOTE WHYTE, William. 2005. “Anexo A: Sobre a evolução de Sociedade de Esquina”. In: \_\_\_\_\_, *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- GEERTZ, Clifford. 2005. *Obras e vidas: O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- GOUIRIR, Malika. 1998. “L’observatrice indigène ou invitée? Enquêter dans un univers familier”. *Genèses*, 32:110-126.
- JOLÉ, Michèle. 2005. “Reconsiderações sobre o ‘andar’ na observação e compreensão do espaço urbano”. *Caderno CHR*, 18(45):423-429.

9 O nome do bairro é fictício. Utilizo tal recurso para preservar os interlocutores da pesquisa.

10 A pesquisa citada foi desenvolvida durante o meu doutorado (2012-2016), concluído nesse ano. Ver Conceição (2016).

52 | “Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo”? Uma (auto)análise sobre a relação...

MILLS, Charles Wright. 1965. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

MOHAMMED, Marwan. 2011. “Annexe méthodologique”. In: \_\_\_\_\_, *La formation des bandes: Entre la famille, l'école et la rue*. Paris: Presses universitaires de France. pp. 423-438.

NASCIMENTO, Denise Nonato do. 2003. *Favela de cimento armado: um estudo de caso sobre a organização comunitária de um conjunto habitacional*. Dissertação de mestrado. PPCIS, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SILVA, Jailson de Souza e. 2006. *Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro: Sete Letras.

VALLADARES, Lícia P. 2007. “Os dez mandamentos da observação participante”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22(63):153-155.

VELHO, Gilberto. 1978. “Observando o familiar”. In: E. de O. Nunes (org.), *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

WEBER, Florence. 2009. *Trabalho fora do trabalho: Uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond.

Recebido em 22 ago. 2015.

Aceito em 05 out. 2016.